

Recursos Humanos introduz novo modelo de gestão de pessoas

Em parceria com a Diretoria de Informática e com o Departamento de Inovação (InovUerj), vinculado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, a SRH está desenvolvendo um novo sistema eletrônico com o objetivo de oferecer uma visualização mais fácil e intuitiva dos fluxos e status de processos, concentrando-os no perfil do servidor ou do prestador de serviço. “A ideia é desburocratizar de tal modo as atividades da Superintendência”, diz a superintendente Elaine Lúcio Pereira, “que tanto o usuário comum como os usuários especializados possam ter uma visão geral e encadeada das solicitações”.

> [Página 8](#)

David Harvey faz conferência na UERJ sobre "Os limites do capital e o direito à cidade"



Participantes do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana lotaram o Teatro Odylo Costa, filho no dia 22 de novembro para assistir a conferência do geógrafo britânico, que discursou por quase duas horas sobre as contradições do capitalismo. Ele explicou como o projeto da corrente neoliberalista – de privatizar e transformar tudo em mercadoria, com “tudo se transformando em objeto das forças do mercado” – fracassou na concretização das suas promessas de eficiência e como isso permite compreender a base dos protestos populares por todo o mundo, inclusive no Brasil.

> [Página 6](#)

Exposição interativa do IBRAG sobre a evolução da ciência vai viajar pelo Brasil

A mostra “De Mendel a Venter: a evolução da ciência e o DNA”, organizada pelo Departamento de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, está desde agosto e fica até fevereiro de 2014 no Espaço das Indústrias Nucleares do Brasil (INB), em Caetité, interior da Bahia. O projeto recebeu verba do edital FAPERJ de Apoio à Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia e todo o material em exposição foi produzido por pesquisadores e alunos do Instituto.

> [Página 16](#)



Importação na UERJ

Área estratégica da Universidade, a Divisão de Importação, vinculada à DAF, ajudou a importar em 2012 cerca de US\$ 5 milhões em equipamentos para laboratórios e pesquisas em várias áreas.

> [Página 3](#)

Trabalho voluntário

Há quase 15 anos à frente do projeto Pró-Ilha Videoteca Itinerante: Cinema na Ilha, do Centro de Tecnologia Educacional (CTE), Janny Fortes leva vídeos e livros para a comunidade de Vila Dois Rios.

> [Página 5](#)



FEBF 25 anos

Aprovada por unanimidade na única vez em que o Conselho Universitário se reuniu fora do *campus* Maracanã, a FEBF foi criada em 1988 pelo Reitor Ivo Barbieri com o objetivo de abrir as portas da UERJ para a população da Baixada Fluminense.

> [Página 13](#)

> EDITORIAL

História e gestão

Nas últimas edições do *UERJ em Questão* o leitor pode conferir a inserção da Universidade no campo da pesquisa, do ensino e da cultura em todo o estado do Rio de Janeiro. Este número não é diferente, mas também traz informações importantes para todos aqueles que trabalham na Universidade, na matéria sobre o sistema eletrônico de gestão de pessoas, em desenvolvimento pela equipe de Recursos Humanos, que tem por objetivo oferecer visualização mais fácil dos fluxos e status de processos, concentrados no perfil do servidor ou do prestador de serviço. Entre os ajustes que estão sendo feitos na SRH estão a criação e o remanejamento de subdivisões, de conformidade jurídica e de infraestrutura para que o novo modelo de gestão de pessoas possa ser implantado.

Outro setor da Universidade que vale a pena conhecer é a Divisão de Importação, do Departamento de Serviços Administrativos – ambos vinculados à Diretoria de Administração Financeira –, área estratégica para o desenvolvimento institucional da pesquisa científica, tecnológica e de infraestrutura. Apenas em 2012 a UERJ importou cerca de US\$ 5 milhões por meio de 178 processos efetivos. Entre as unidades acadêmicas, o Instituto de Biologia foi a que mais importou no mesmo período, totalizando cerca de US\$ 2 milhões.

O processo de popularização da ciência levado à frente por professores e pesquisadores da Universidade pode ser conferido em duas matérias que divulgam a investigação científica fora dos *campi*. Uma delas começou a viajar pelo país no formato de exposição sobre genética: “De Mendel a Venter: a evolução da ciência e o DNA” é resultado do trabalho de professores e alunos do IBRAG, enquanto a outra, “UERJ na Antártica”, divulga de maneira simples o trabalho desenvolvido por pesquisadores da Universidade na Antártica.

O leitor vai conhecer neste número a história de setores e pessoas da Universidade na matéria sobre os 25 anos de criação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense como unidade da UERJ em Duque de Caxias; no texto sobre os 21 anos da Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento e suas iniciativas de interiorização da UERJ e a história de um trabalho voluntário importante em Vila Dois Rios, desenvolvido graças ao interesse da bibliotecária aposentada Jenny Fortes: o projeto Pró-Ilha Videoteca Itinerante – Cinema na Ilha, do Centro de Tecnologia Educacional, que tem como principal proposta disseminar o conhecimento entre crianças e jovens da comunidade por meio do cinema e também da literatura. Entre os frutos do projeto está a biblioteca comunitária naquela localidade de Ilha Grande.

O *Em Questão* traz também informação sobre os vários eventos que aconteceram no *campus* Maracanã, como a cerimônia de entrega dos prêmios a alunos que participaram da 24ª UERJ sem Muros e a conferência do geógrafo britânico David Harvey sobre “Os limites do capital e o direito à cidade”, que encerrou o XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana em 2013.

Desejos de boa leitura a todos!

Artista italiano expõe na Galeria Cândido Portinari

A exposição de Angelo Volpe, inédita no Brasil e intitulada “What about tomorrow?”, foi aberta no dia 26 de novembro na UERJ. Volpe, que é formado em pintura pela Accademia di Belle Arti di Napoli, esteve presente na abertura e comentou a sua obra: “Procuro trabalhar o consumismo de forma aberta: sem dogma, sem impor o meu ponto de vista particular a respeito do fenômeno. Tento propor um diálogo com o observador, suscitar reflexões, por meio de formas satíricas, irônicas, mas não chocantes, nem paralisadoras.”

A mostra tem curadoria de Maurizio Siniscalco, proprietário da *Galleria Siniscalco* em Nápoles, na Itália, e de Salvino Campos, fotógrafo e artista da galeria. Reúne oito pinturas em acrílico sobre tela, dois vídeos e uma instalação que tratam dos efeitos da globalização sobre a vida humana. A busca pela própria identidade, a transformação desenfreada do corpo e a estratificação de vivências são algumas das situações apresentadas pelos quadros, nos quais marcas de grandes corporações multinacionais estão presentes e operam como elementos perturbadores de um universo idealizado, onírico e colorido. Uma das telas foi produzida pouco antes da abertura da exposição, com a colaboração de alunas do Instituto de Artes da UERJ. Geovana Carneiro, uma das cinco estudantes selecionadas pela professora Malu Fatorelli para auxiliar o artista, explica essa participação: “Passamos para a tela a imagem desenhada em papel de seda, retocamos o desenho e pintamos os logotipos e as setas colocados depois



pelo próprio Volpe. Participar e acompanhar de perto a produção de um trabalho prestes a ser exposto foi uma experiência inusitada e interessante para nós”.

Outras três telas fazem referência a ícones da cultura brasileira: São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro; Saci Pererê, personagem folclórico, e Lampião, lendário cangaceiro nordestino. “Além de fazer uma homenagem ao público brasileiro, minha intenção foi provocá-lo mais intimamente, pondo-o em contato com figuras representativas da própria cultura; incitando-o a refletir sobre a forma como consome, se moderada ou compulsivamente, por exemplo; sobre que espaço é ocupado pelas grandes marcas em sua vida”, diz o artista, que visita o Brasil pela primeira vez e se preocupou, segundo Salvino Campos, em pesquisar a cultura do país.

Na abertura da mostra a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, enfatizou que a escolha da UERJ para sediar a exposição das obras de Volpe é mais uma demonstração da ampliação das relações da

Universidade com instituições italianas: “No que diz respeito à pós-graduação, o vínculo com a Itália já está bem consolidado. Um exemplo disso é a aproximação com a Universidade Tor Vergata, em Roma, que abriu a possibilidade para a cotitulação em alguns de nossos cursos. Com relação à extensão, por meio de um convênio com a Fundação *Restoring Ancient Stabiae* (RAS), temos desenvolvido muitas atividades, sobretudo na área do turismo e da Terceira Idade. E no que tange à cultura, temos trazido, com frequência, trabalhos de artistas italianos para serem expostos na UERJ – obras tradicionais e de artistas contemporâneos, sobretudo do sul da Itália, onde a cultura e o modo de ser é próximo ao nosso. E também temos levado para lá exposições que expressam fortemente elementos da cultura brasileira apresentadas na Universidade. O intercâmbio com a Itália tem se intensificado de fato e se mostra cada vez mais profícuo.” A exposição “What about tomorrow?” pode ser visitada na Galeria Cândido Portinari de segunda a sexta-feira, das 9h às 20h, até o dia 19 de dezembro. A entrada é franca.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr., Lorena Forti, Mariana Pelegrini, Mayana Garcia, Mirella Arruda e Ricardo Nicolay Estagiária: Marcele Blanchart Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Pesquisa científica na Universidade tem apoio da Divisão de Importação

Vinculada à Diretoria de Administração Financeira, a Divisão de Importação do Departamento de Serviços Administrativos, responsável pelas importações realizadas pela Universidade, é área estratégica para o desenvolvimento institucional da pesquisa científica, tecnológica e de infraestrutura. Apenas em 2012 a UERJ importou cerca de US\$ 5 milhões por meio de 178 processos efetivos. Entre as unidades acadêmicas, o Instituto de Biologia foi a que mais importou no ano passado, totalizando cerca de US\$ 2 milhões.

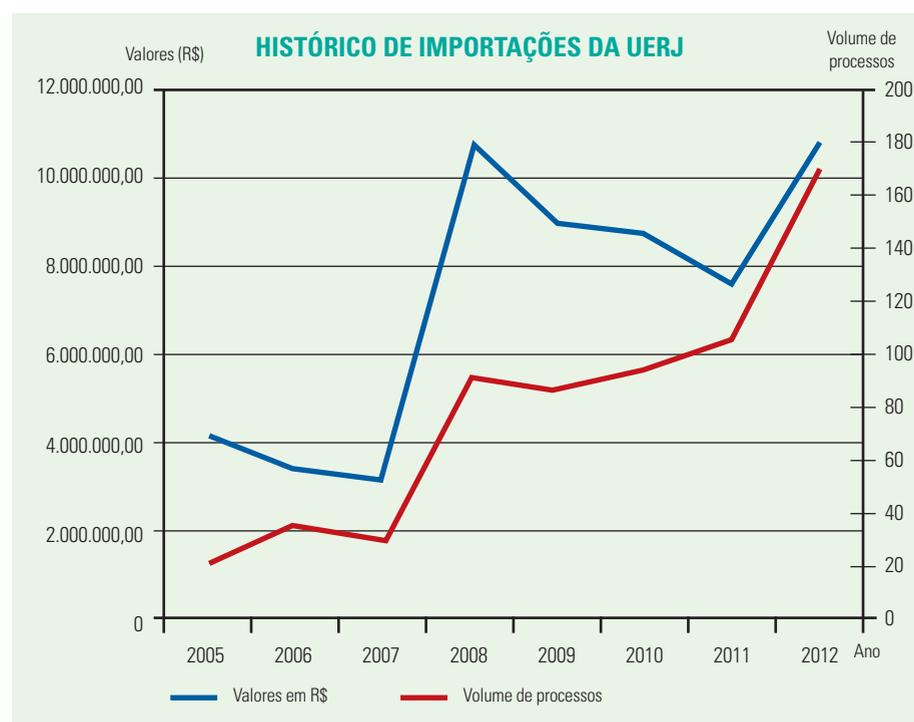
Os processos que tramitam na Divisão de Importação são preparados pelos próprios pesquisadores por meio do sistema *on-line* <www.sistemas.uerj.br/ImportacaoWEB>, explica o diretor do Departamento, Aluísio Conceição: “Na maioria das vezes, quando o professor deseja fazer uma importação ele nos procura com o nome da empresa, o equipamento que deseja adquirir e a verba do órgão de fomento. Preenchido o requerimento *on-line* montamos o processo”. A partir desse ponto, a Divisão de Importação dá início aos contatos com a empresa, à verificação da documentação necessária e à realização dos trâmites legais.

Responsável pela Divisão, Denise Alves de Oliveira esclarece que a UERJ não tem um setor de licitação internacional e que os equipamentos importados geralmente não possuem similares fabricados no Brasil – estes, quando existem, são de representante da empresa estrangeira original. Como os equipamentos são considerados exclusivos e as verbas advêm de órgãos de fomento, principalmente da FAPERJ e do CNPq, a Lei 8.666/93 permite a compra por dispensa de licitação (para a pesquisa científica) e inexigibilidade (nos casos em que há inviabilidade de competição entre fornecedores).

A isenção de tributos, por se tratar de órgão público, também é fator decisivo para a aquisição ser efetivada no exterior: “É o caso, por exemplo, da compra de um equipamento de ressonância magnética que não é fabricado no Brasil, mas é produzido por duas empresas estrangeiras. É possível fazer uma pesquisa de mercado e verificar qual tem a melhor funcionalidade e apresenta melhores resultados. A empresa pode ter representante no Brasil,



Chegada do módulo Criosfera 1 (importado da Suécia) no Porto do Rio de Janeiro



Fonte: Dimport, janeiro de 2013

mas geralmente a importação traz várias vantagens”, diz Denise. Nos casos de importação, a despesa é a soma da compra do equipamento, do frete internacional, do seguro e do desembaraço alfandegário. Caso a compra de produtos importados seja no Brasil, além de todas as despesas embutidas no valor do equipamento, o preço é acrescido de cerca de 60% de imposto sobre a importação. “Com a importação é possível economizar quase 100% ou até mais. Para a empresa que comercializa também é mais interessante a venda via importação do que ela mesma importar, pagar o imposto e repassar para o cliente”, explica Denise.

Para o desembaraço alfandegário, a Divisão tem contrato com uma empresa licitada. Esta, por sua vez, mantém parcerias com agentes embarcadores em vários países e que são responsáveis por coletar a mercadoria, fazer o agenciamento para despachá-la via aérea ou marítima, e contratar despachante para dar entrada nos papéis junto à aduana no Brasil. A empresa cuida da parte burocrática do processo e está disponível 24h, diariamente, para fazer os procedimentos necessários.

O tempo do processo para importação está relacionado ao produto que os pesquisadores precisam importar e também com o seu valor: se estiver acima de

R\$ 80 mil o processo demora, em média, um mês e meio; caso o valor seja de até R\$ 8 mil, o processo é mais rápido e pode levar uma semana em média; se o valor estiver entre R\$ 8 mil e R\$ 80 mil o tempo estimado é de aproximadamente 15 dias. Esse cálculo corresponde a processos com pedidos e justificativas técnicas informadas corretamente pelo pesquisador.

Equipamentos grandes normalmente possuem prazo maior para embarque, conforme informação da Proforma Invoice, documento que dá origem à negociação internacional. O desembaraço alfandegário leva pelo menos oito dias. O acompanhamento durante a viagem também é uma preocupação da Divisão, porque muitos produtos importados exigem logística especial. Um exemplo: segundo Denise, a UERJ frequentemente compra reagente para um laboratório da Policlínica Piquet Carneiro. Como essa mercadoria deve vir armazenada refrigerada, normalmente é embalada com gelo seco, que dura até três dias. A mercadoria é recolhida próximo ao embarque e quando chega ao aeroporto de destino é feita a reposição do gelo ou segue para uma câmara refrigerada até que o desembaraço alfandegário esteja resolvido. Todo esse processo é ponderado e organizado pela Divisão de Importação.

A Universidade importa mais de países líderes na fabricação de equipamentos para a área de pesquisa, como os Estados Unidos, a Alemanha, a Inglaterra e o Japão. A importação é fundamental para muitos pesquisadores, inclusive para o Hospital Universitário, porque auxilia em diversas áreas: são equipamentos de última geração para serem usados no desenvolvimento de pesquisas e em tratamentos hospitalares como do câncer. Os recursos para a aquisição vêm dos projetos submetidos pelos pesquisadores a órgãos de fomento – em linhas gerais, são recursos que permitem a compra dos equipamentos para o trabalho científico. Na Divisão não há importação com maior destaque, todas são importantes. A compra do Planetário Móvel, por exemplo, pôde auxiliar o estudo dos alunos que estavam concorrendo à Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica e que conquistaram cinco medalhas: duas de prata e três de bronze.

Primeira defesa de tese na Universidade completa 20 anos

O Instituto de Medicina Social e o Instituto de Letras estão entre os cursos pioneiros de pós-graduação stricto sensu na Universidade

Em outubro de 2013 a primeira tese defendida na UERJ completou duas décadas: em 1993 a Universidade concedia o seu primeiro título de doutor a um aluno da Pós-graduação do Instituto de Medicina Social (IMS). Hoje em atividade no mesmo IMS, a trajetória acadêmica e profissional do agora professor Kenneth Rochel de Camargo Jr, em alguns momentos se confunde com a da própria Universidade. Seu vínculo com a Instituição começou em dezembro de 1970, quando ingressou como aluno do Colégio de Aplicação da então Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Em 1978 foi aprovado para a Faculdade de Ciências Médicas e mais tarde fez sua especialização (residência médica) em Medicina Preventiva e Social no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Em 1986 iniciou o curso de mestrado em Saúde Coletiva no IMS, orientado pela professora Madel Terezinha Luz. A dissertação “(Ir)racionalidade médica: os paradoxos da clínica”, defendida em 1990, examinou a prática e o saber médico nas suas articulações internas – em contraste com as análises críticas da medicina que geralmente partem de um ponto de vista externo – a partir de uma abordagem sociológica e/ou econômica. Como diz o professor Kenneth, “fiz o concurso para o CAP e depois não saí mais da UERJ”.

No doutorado também foi orientado pela professora Madel e recebeu o título de doutor em 18 de outubro de 1993 com a aprovação da tese “A construção da AIDS”. No trabalho ele investigou a história e a filosofia da ciência por meio da análise da criação de uma categoria diagnóstica da doença. Segundo o professor, “por uma questão de praticidade, preferi buscar uma doença que tivesse sido ‘descoberta’ ou ‘inventada’ mais recentemente em relação à época em que eu estava trabalhando – e a escolha da AIDS foi mais do que óbvia”. Sobre o seu objeto de pesquisa, ele disse que “com a AIDS eu achava que teria facilidade, mas isso não aconteceu porque havia muita coisa a pesquisar já naquela época, entre 1991 e 1992. Assim fixei a minha atenção no período compreendido entre 1981 (quando surgem as primeiras notificações do que mais tarde seria identificado como AIDS) e 1987 (quando já havia uma definição estável sobre a doença e que pouco se alterou)”. O professor Kenneth conta que trabalhou com cerca de 500 textos de referência na redação da tese, entre artigos científicos e capítulos de livros. Dentre os últimos, o professor destaca o *Cecil Textbook of Medicine*, que incluiu um capítulo sobre AIDS: “Eu consegui encontrar três edições sucessivas do *Cecil*: na primeira, o capítulo sobre AIDS era pequeno, mas na terceira já parecia um livro dentro da publicação. A partir daí construí uma narrativa com a análise dessa trajetória da doença juntamente com a construção de um modelo do que seria uma definição de doença”. Kenneth também entrevistou os pioneiros no acompanhamento das pessoas afetadas pela

JORNAL DO BRASIL, 27/11/1993 (CADERNO IDEIAS)



epidemia de HIV, como funcionários da Secretaria de Estado de Saúde e alunos, professores e pesquisadores dos hospitais universitários da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de o estudo demandar muito trabalho, o professor finalizou a tese cinco meses antes do prazo mínimo exigido pelo regimento do IMS – e a sua defesa de tese foi simbólica para a Universidade. Na edição de 11 de novembro de 1993, a coluna Campus do *Jornal do Brasil*, assinada por Ivana Bentes, publicou em

destaque a importância da tese para a época. Menos de um ano depois a tese foi publicada em livro pela editora Relume-Dumará, intitulado *As ciências da AIDS e a AIDS das Ciências – O discurso médico e a construção da AIDS* (1994). Entre outras coisas o livro abordava o registro do primeiro caso da doença, em 1981, na Califórnia, nos Estados Unidos, e no Brasil, onde o vírus foi identificado pela primeira vez em 1982, na cidade de São Paulo.

O Instituto de Medicina Social e o Instituto de Letras estão entre os cursos pioneiros de pós-graduação *stricto sensu* na Universidade. Para o professor Kenneth, a sua defesa de tese foi um marco porque, não por acaso, representou um momento de profunda transformação na UERJ: “Se analisarmos o perfil da Universidade no início da década de 1980, quando eu estava saindo da graduação, veremos que eram poucos os professores com pós-graduação, mesmo *lato sensu*, na Faculdade – a maioria era formada por graduados e cerca de 15% eram mestres ou doutores. Aquele momento foi importante porque ali a Universidade deu uma guinada e teve início a criação dos cursos de doutorado e a expansão dos programas de pós-graduação”.

Outro dado mencionado pelo professor Kenneth foi a espera de dois anos para obter o seu diploma de doutor. Em seguida à defesa, diz ele, “gostaria de ter feito concurso para professor da UERJ, mas como eu fui o primeiro da minha turma a finalizar a tese, precisei aguardar até 1995 pelo reconhecimento do curso de doutorado pela CAPES. Assim que o meu diploma foi reconhecido eu fiz o concurso”.

Em 2000 Kenneth esteve no Canadá para desenvolver a pesquisa de pós-doutorado na McGill University. Um dos resultados desse período no exterior foi o artigo “The Thought Style of Physicians: Strategies for Keeping up with Medical Knowledge” (O estilo de pensamento dos médicos: estratégias para se manter atualizado com o conhecimento médico), publicado em 2011 pela revista *Social Studies of Science*, da editora britânica Sage. Atualmente o professor participa de projetos de pesquisa dentre os quais se destacam “Medicalização e o complexo médico-industrial: questões epistemológicas” e “Ética aplicada à saúde de populações: investigando as implicações da focalização de subgrupos populacionais socialmente definidos para promover saúde”. É também editor associado do *American Journal of Public Health*, editor da revista *Physis* (periódico quadrimestral do Instituto de Medicina Social) e tem livros e artigos publicados em periódicos da área. Entre os seus livros destacam-se *Por uma filosofia empírica da atenção à saúde: olhares sobre o campo biomédico*, co-organizado com Maria Inês Nogueira (2009); *Aconselhamento em DST/HIV: repensando conceitos e prática*, em coautoria com Carla Luzia França Araújo (2004) e *Biomedicina, saber & ciência: uma abordagem crítica* (2003).

Vídeos e livros fazem parte de projeto do CTE na comunidade de Vila Dois Rios

Desde 1999 à frente do projeto Pró-Ilha Videoteca Itinerante: Cinema na Ilha, do Centro de Tecnologia Educacional (CTE), vinculado à SR3, Janny Fortes, que entrou para a UERJ em 1977 no primeiro concurso para bibliotecários da Universidade, continua o trabalho como voluntária, depois da aposentadoria em 2010. “Sempre gostei muito da minha profissão, do trabalho aqui na Universidade. Não quis parar. Com o atendimento ao público usuário, me atualizo sempre, pois meu trabalho não se resume a dizer ‘tem ou não tem’: preciso pesquisar, conhecer as obras, fazer sinopses no caso dos vídeos. Enfim, me preparar para saber orientar quem procura pelo acervo”, diz Janny, bibliotecária da Rede Sirius, antiga Biblioteca Central, até 1994, quando foi cedida ao CTE para organizar um acervo de vídeos. “Um trabalho árduo”, segundo ela, porque os vídeos, diferentemente dos livros, não continham muitas anotações e precisava assistir a todo o conteúdo para catalogá-los. Além disso, foi preciso aprender a trabalhar com uma nova mídia: “Precisei fazer um curso, lá mesmo no CTE, para entender a produção dos vídeos, conhecer os seus diferentes formatos (na época existiam em rolo, U-Matic, Betacam, Super VHS e VHS) para ser capaz de detectar defeitos, saber como recuperar as imagens e mantê-las”.

Uma vez organizado, o acervo de vídeos foi distribuído em dois espaços: uma videoteca de cópias em VHS (hoje em processo de digitalização), destinado ao público usuário, e um banco de imagens com gravações brutas e matrizes (gravações já editadas), de acesso restrito aos profissionais do CTE. Em paralelo, Janny desenvolvia juntamente com a então diretora Gabriella Dias de Oliveira, o projeto Videoteca Cidadania e Direitos Humanos. O objetivo inicial do projeto era criar um centro de referência, a partir do cadastro de títulos e informações sobre vídeos produzidos de maneira independente por outras instituições ou pelo próprio CTE, cujos temas estivessem vinculados a causas e movimentos sociais, a questões de saúde, de gênero, violência etc. Para isso foi feita, primeiramente, uma pesquisa para identificar as organizações que produziam esse tipo de material no Brasil e, em seguida, o contato com estas organizações, a fim de solicitar o recebimento da listagem com os títulos. “Com o passar do tempo, achamos por bem procurarmos nos abastecer com o próprio material físico, os vídeos, para que os mesmos pudessem ser encontrados na videoteca. Pedíamos doações e, quando necessário e possível, comprávamos. Desse modo, além de um núcleo de referência, o projeto passou a contar também com um núcleo de documentação. Esse acervo abriga hoje milhares de títulos”, explica Janny com orgulho.

Depois da inauguração pela Universidade do CEADS – Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável em 1998 em Vila Dois Rios, Janny procurou desenvolver outro projeto que aproveitasse o reconhecido valor pedagógico do acervo da videoteca e viabilizasse o entrosamento entre a UERJ, recém-chegada à Ilha Grande, a escola e a comunidade locais. Assim nasceu o Pró-Ilha



Videoteca Itinerante: Cinema na Ilha. Aprovado pelo conselho científico do CEADS, ela passou a levar, todos os meses filmes, vídeos educativos e de entretenimento e a oferecer para a comunidade de Vila Dois Rios palestras e debates sobre diversos temas, em especial a preservação ambiental. Além do entrosamento, o projeto pretendia desenvolver nos jovens em idade escolar um olhar mais sensível e crítico com relação aos produtos oferecidos pela mídia, em especial a TV – de maior presença na comunidade, praticamente desprovida de recursos culturais como banca de jornal, biblioteca, livraria, teatro, cinema etc.

Com o passar do tempo, a própria comunidade pediu a ampliação do projeto: “Começamos a receber pedidos de pais para que levássemos, além dos vídeos, livros que ajudassem os jovens nas suas atividades escolares. Assim, em 2004 criamos o subprojeto Cinema na Ilha: o Vídeo e o Livro, incluindo os livros e ainda atividades correlatas como contação de histórias e arte terapia para que o interesse pela leitura fosse realmente despertado”, conta a bibliotecária. Com o subprojeto, os jovens de Vila Dois Rios passaram a frequentar, todos os meses, encontros que oferecem atividade de leitura, exibição de vídeo e orientação para a elaboração de algum tipo de produção artístico-pedagógica, sempre a partir de um tema comum. Os encontros são planejados pela equipe da

videoteca, composta por Janny, que tem pós-graduação não só em biblioteconomia, mas também em psicopedagogia, neurociência pedagógica e arte terapia; por uma técnica em biblioteconomia; uma agente administrativa; uma técnica em informática e por bolsistas do curso de pedagogia, estes sob a supervisão de Wânia Clemente, coordenadora pedagógica do CTE.

No início, os livros (ainda em pequena quantidade) eram levados em uma cesta: faziam o percurso de ida e volta como uma “biblioteca itinerante”. Com o aumento das doações feitas por particulares e por bibliotecas da Prefeitura do Rio e o aumento da demanda por empréstimos (inclusive de pais, também interessados em ler) foi preciso encontrar um espaço para guardar os livros. Isso gerou um segundo subprojeto: a Biblioteca Comunitária Infanto-Juvenil de Vila Dois Rios, inaugurada em 2007 numa das dependências da antiga escola, que já possuía mobiliário apropriado para isso. A Biblioteca reúne hoje mais de 1.500 títulos – entre obras de referência (livros de consulta, que não saem da biblioteca, como dicionários, enciclopédias etc.), clássicos da literatura, acervo especializado destinado ao público-alvo (infanto-juvenil), livros didáticos e algumas coleções.

Para Janny Fortes, o aumento do número de empréstimos de livros ao longo dos anos tem indicado a eficácia dos estímulos oferecidos aos jovens de Vila Dois Rios e comprova a contribuição educacional, assim como a diretriz extensionista, dos projetos desenvolvidos pelo CTE. A videoteca, que também tem a sua versão itinerante, faz no campus Maracanã uma média de 50 empréstimos por mês. Segundo Janny, “certamente a abrangência da exibição é maior, uma vez que boa parte dos empréstimos se destina à exibição para grupos e não a um indivíduo somente”.

Aos interessados em conhecer o acervo da videoteca, o atendimento é feito no segundo andar, Bloco C, do Pavilhão João Lyra Filho, das 9h às 20h, na sala que fica ao lado do Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID). Para retirar vídeos em empréstimo, estudantes, professores ou técnico-administrativos da Universidade precisam cadastrar-se presencialmente em formulário específico. Do estudante e do técnico-administrativo é exigido um formulário complementar, com a autorização do responsável pelo curso de graduação ou pós-graduação ou do setor a que esteja vinculado. Para que pessoas externas à Universidade usem o acervo da videoteca é preciso que cadastrem antes a instituição à qual pertencem (estabelecimento de ensino, entidade educacional ou cultural sem fins lucrativos). No formulário de cadastro fornecido pela videoteca há espaços para identificação e autorização da instituição ou setor solicitante e também para identificação das pessoas autorizadas pela instituição a solicitar os empréstimos. Em todos os casos a validade da autorização é de seis meses. Nesse período o usuário pode retirar dois vídeos por vez e ficar com ele até três dias. Um catálogo dos temas e títulos está disponível na página do CTE, em <www.cte.uerj.br>.

Geógrafo David Harvey encerra na UERJ o XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana

Com uma conferência intitulada “Os limites do capital e o direito à cidade”, o geógrafo britânico David Harvey encerrou o XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana para uma plateia que lotou o Teatro Odylo Costa, filho no dia 22 de novembro. Harvey discursou por quase duas horas sobre as contradições do capitalismo, tema ao qual se dedicou na obra *Os Limites do Capital* (Boitempo, 2013), publicada pela primeira vez em português em versão revista e ampliada, em que analisa com profundidade a história e a geografia do desenvolvimento do capitalismo com base na perspectiva marxista. Harvey é um dos teóricos marxistas mais influentes do século XX, reconhecido internacionalmente por seu trabalho de vanguarda na análise das dinâmicas do capital, que une geografia urbana, marxismo e filosofia social para compreender as contradições do mundo contemporâneo. Ao traduzir um eixo de renovação da tradição crítica dos estudos econômicos, sua obra ganhou ainda maior destaque no momento atual, depois da explosão dos movimentos urbanos de contestação no Brasil e no mundo. Entre os seus livros considerados clássicos podem ser citados: *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (1989), *Espaços de esperança* (2000), *A produção capitalista do espaço* (2005) e *Para entender o Capital* (2013). Formado na Universidade de Cambridge, ex-professor da Universidade de Oxford e da London School of Economics na Grã-Bretanha, e professor de geografia na Johns Hopkins University, nos Estados Unidos, Harvey atualmente é professor do Departamento de Antropologia da City University of New York, onde trabalha com questões ligadas à geografia urbana.

Um dos pontos abordados por Harvey na conferência foi o aumento da concentração de riqueza a partir da crise econômica que eclodiu entre 2007 e 2008. Ele explicou como o projeto da corrente neoliberalista – de privatizar e transformar tudo em mercadoria, com “tudo se transformando em objeto das forças do mercado” – fracassou na concretização das suas promessas de eficiência e como, com isso, é possível compreender a base dos protestos



O geógrafo David Harvey fez a conferência de encerramento do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana no Teatro Odylo Costa, filho

populares por todo o mundo. No Brasil, por exemplo, os protestos se propagaram por causa do reajuste nas tarifas de ônibus. Para Harvey há uma desilusão generalizada em relação ao processo político e as pessoas começam a discutir como podem modificar os piores aspectos da exploração capitalista: “Por enquanto, o capital está cumprindo o seu papel muito bem, mas as pessoas não. A alienação leva a uma passividade de atitudes que em determinados momentos são interrompidas por explosões de raiva pelo alto nível de frustração das pessoas. Esses rompantes da população se transformam em manifestações urbanas e a partir de agora é preciso dar um objetivo político e construir projetos para superar essa raiva”.

Na visita de Harvey ao Brasil também foi lançado o livro *Cidades Rebelde: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (Boitempo, 2013), do qual ele participa um artigo sobre a liberdade da cidade. A obra reúne textos de pensadores importantes do mundo contemporâneo – como Slavoj Žižek, Mike Davis, Raquel Rolnik, Ermínia Maricato, Jorge Souto Maior,

Ruy Braga e Carlos Vainer, com reflexões e análises sobre as causas e consequências dos acontecimentos recentes, marcantes para a história política brasileira. Além dos textos, o livro traz um ensaio fotográfico do coletivo Mídia Ninja e ilustrações das manifestações feitas por cartunistas como Laerte, Rafael Grampá e Rafael Coutinho. O livro pretende contribuir para o debate iniciado pelo Movimento Passe Livre em São Paulo.

O Simpósio Nacional de Geografia Urbana é um evento bienal, tradicional na área da Geografia. A edição de 2013 teve como eixo temático “Ciência e ação política: Por uma abordagem crítica”. Desde sua primeira edição em 1989, o principal objetivo do Simpósio é o de consolidar a reflexão científica prática e militante de maneira interdependente e articulada sobre o fenômeno urbano em sua condição plural, sempre buscando o diálogo da Geografia com outros campos de análise científica – como a História, a Economia, a Sociologia, a Ciência Política, a Arquitetura, o Planejamento e a Engenharia Urbana – e na esfera social através de

movimentos e coletivos sociais, ativismo urbano, grupos de resistência, associações de moradores, entre outros.

A proposta para a realização do XIII Simpósio nas instalações da UERJ teve como objetivo pensar a questão urbana em sua complexidade, conciliando “teoria e empiria”, “reflexão e prática”, “planejamento e crítica”. A cidade do Rio de Janeiro, envolvida nos preparativos para diversos projetos de mudanças urbanas em razão da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, recebeu professores, pesquisadores e estudantes envolvidos com a questão urbana, convocados a refletir sobre “a efetivação de um duplo, porém conciliável, esforço teórico: pensar o fenômeno urbano em sua multiplicidade concreto-imaterial, que envolve as questões políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, de maneiras entrecruzadas, complementares e conflituosas; e refletir sobre os avanços e práticas da geografia urbana”. Os geógrafos entendem que este campo do conhecimento pode contribuir para as práticas socialmente constituídas e em ações que demandem reflexão, planejamento, pesquisa e intervenção.

Lançamentos EdUerj

GEOGRAFIA CULTURAL: UMA ANTOLOGIA (VOL. 2)

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (orgs.)

Indicado para alunos de graduação e de pós-graduação, esta antologia oferece uma criteriosa seleção de textos sobre as relações entre o espaço e a cultura. Este volume é dedicado a artigos da nova geografia cultural, vertente que analisa a cultura como um contexto, condição de existência e reflexo de diferentes grupos sociais. Os textos se distribuem em cinco eixos temáticos - O urbano e a cultura; Formas simbólicas e espaço; Espaço e religião; Festas e espaço; Identidade e território; e Cinema e literatura - abordando assuntos relacionados a religião, aos simbolismos urbanos, ao cinema e à literatura.



BRICOLAGEM ALIMENTAR NOS ESTILOS NATURAIS

Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho

A partir de uma perspectiva socioantropológica baseada no pensamento de Lévi-Strauss e de outros teóricos, a autora observa os adeptos de estilos de alimentação natural, como a *vegana* e o *alimento vivo*, para construir uma linha de análise interpretativa sobre os sentidos e significados destes hábitos para o campo da Nutrição, contribuindo para os conhecimentos da área de Saúde Coletiva. Ao pesquisar a história dos alimentos na sociedade, Maria Cláudia propõe uma reflexão sobre a cultura alimentar no Ocidente.



SAMUEL MOYN

Entrevistado por André Rangel Rios

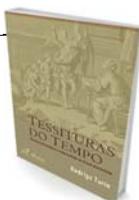
Neste volume da *Coleção Pensamento Contemporâneo*, o professor de História Intelectual da Universidade de Columbia, Samuel Moyn, dialoga sobre a ascensão e as mudanças do conceito de Direitos Humanos ao longo do tempo. O livro é organizado pelo professor André Rangel Rios, do Instituto de Medicina Social da UERJ, e aborda as discussões relacionadas à história e à trajetória dos direitos humanos, inicialmente vinculados às revoluções francesa e americana, e às profundas modificações no pós II Guerra Mundial. Evolui como retórica ou ideologia política até assumir o papel político que desempenha atualmente diante das crises da sociedade contemporânea.



TESSITURAS DO TEMPO: DISCURSO ETNOGRÁFICO E HISTORICIDADE NO BRASIL OITOCENTISTA

Rodrigo Turin

O autor parte de uma análise de fontes que compreendem a produção intelectual, entre 1840 a 1870, de personagens históricos importantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O material de pesquisa também inclui o acervo do Museu Nacional e de escritores como Silvio Romero, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha. Com isso, estabelece uma



proposta de contribuição para a história da etnografia ao reconstruir, por meio da análise de textos oitocentistas, suas distintas texturas temporais.

AS DIVERSAS FACES DA PROPRIEDADE INTELECTUAL

Celso Luiz Siqueira Lage, Eduardo Winter e Patricia Maria da Silva Barbosa (orgs.)

Os oito artigos desta obra tratam da lógica institucional inerente ao Sistema Nacional de Inovação e sua construção no Brasil. São observados temas como o ensino da propriedade intelectual nos cursos superiores, o desafio de criação de uma marca regional no processo de integração do Mercosul e a indústria fonográfica e seus aspectos semiológicos. Aborda também tópicos polêmicos, como o licenciamento compulsório de patentes de produtos farmacêuticos no Brasil, entre outros.



SANTA CRUZ: DE LEGADO DOS JESUÍTAS À PÉROLA DA COROA

Carlos Engemann e Marcia Amantino (orgs.)

Os autores dos artigos desta obra se dedicam ao estudo da história da Fazenda de Santa Cruz, localizada no local hoje se encontra o bairro de mesmo nome. Com base em uma documentação referente aos autos de inventários e sequestros da Fazenda no período entre 1759 e 1801, a pesquisa divide-se em três partes: a primeira aborda a administração jesuítica da região; a segunda trata do cotidiano dos escravos que ali trabalhavam; e, por último, se debruça sobre os administradores Fazenda, quando esteve sob a tutela do governo português e brasileiro.



CIÊNCIA DO FUTURO E FUTURO DA CIÊNCIA: REDES E POLÍTICAS DE NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA NO BRASIL

Jorge Luiz dos Santos Junior

Este estudo aponta as fragilidades inerentes à forma como são construídos os espaços públicos de formulação da agenda e da execução das políticas nas áreas de nanociência e nanotecnologia no Brasil. O autor faz uma análise estrutural da comunidade de pesquisa das duas áreas, estudando as tendências políticas representadas em textos oficiais e observando os resultados práticos destas regulamentações.



PESQUISA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS E APLICADAS

Gláucio José Marafon, Julio Cesar de Lima Ramires, Miguel Angelo Ribeiro e Vera Lúcia Salazar Pessôa (orgs.)

Este livro contribui para a reflexão e a aplicação da pesquisa qualitativa nos trabalhos geográficos. A seleção de textos representa a preocupação de pesquisadores e alunos de pós-graduação e iniciação científica em apresentar,

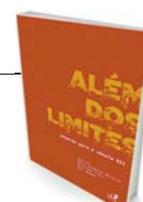


com clareza e rigor didático, os conhecimentos adquiridos nas pesquisas desenvolvidas. Evidencia-se na obra a importância do trabalho interinstitucional, que permite uma análise conjunta e a busca de novos saberes sobre o processo de investigação. A coletânea foi dividida em quatro partes que, juntas, reúnem 27 artigos. A primeira parte analisa conceitos básicos vinculados à pesquisa qualitativa; a segunda se atém às aplicações empíricas nos estudos rurais; a terceira parte foca nas pesquisas empíricas dos estudos urbanos, e a quarta parte trata da pesquisa qualitativa aplicada a outros estudos geográficos.

ALÉM DOS LIMITES: ENSAIOS PARA O SÉCULO XXI

Maria Conceição Monteiro, Guillermo Gucci e Neil Besner (orgs.)

Fruto de um acordo de cooperação acadêmica entre a UERJ e a Universidade de Winnipeg, os ensaios aqui reunidos estão em sintonia com a agenda acadêmica da atualidade. Se à primeira vista têm o pensamento universitário como referência, sua aplicação os torna, consubstanciais às questões de arte e cultura com que se ocupam: desmedidos e exorbitantes no seu empenho de pensar, ressoam a autocaracterização do músico em conhecido refrão: "Exagerado [...] / Eu sou mesmo exagerado". Os artigos são assinados por Alekmar Luiz dos Santos, Barry M. Katz, Bernard McGuirk, David Martin-Jones, Efraim Kristal, Ferreira Gullar, Gabriel Galli, John Urry, Juan Grompone, Manuel Antônio de Castro e Paul Davidson.



EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS COM O USO DO SOFTWARE MAXIMA

Alexandre Rojas, A.C. de Castro Barbosa e Cláudia Ferreira Reis Concordido

Este estudo oferece, entre outras questões, as condições necessárias para que o leitor resolva equações diferenciais ordinárias utilizando os recursos do software livre Maxima. Com vários exemplos, a obra tem linguagem acessível, apresenta e resolve diversos exercícios que podem contribuir para a aprendizagem. Indicado para o estudante das Ciências Exatas, o livro também abre o campo para aqueles que ingressam em cursos de áreas afins que utilizam as equações diferenciais – como a Economia, a Demografia, a Ecologia e a Biologia.



O POEMA EM TEMPOS DE BARBÁRIE E OUTROS ENSAIOS

Vera Lins

Como criar poemas em tempos de horror ou desilusão? Este livro oferece ao leitor a oportunidade de entrar em contato ou aprofundá-lo com duas das mais importantes figuras da literatura contemporânea, como Paul Celan, Haroldo de Campos, Duda Carvalho, Nestor Victor e W.G. Sebald. Trata-se da poesia do século XIX para o XX observando o modernismo que se inicia com alguns poetas, artistas e críticos simbolistas.



SRH promove mudanças e institui novo modelo de gestão de pessoas

À frente da Superintendência de Recursos Humanos desde agosto de 2012, a procuradora Elaine Lúcio Pereira e sua equipe têm buscado otimizar os procedimentos do setor por meio de avaliação sistemática baseada nos critérios de legalidade, eficiência, celeridade, impessoalidade e transparência. Em parceria com a Diretoria de Informática e com o Departamento de Inovação (InovUerj), vinculado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, a SRH está desenvolvendo um novo sistema eletrônico com o objetivo de oferecer uma visualização mais fácil e intuitiva dos fluxos e status de processos, concentrando-os no perfil do servidor ou do prestador de serviço. “A ideia é desburocratizar de tal modo as atividades da Superintendência que, tanto o usuário comum como os usuários especializados que trabalham nas subdivisões da SRH, possam ter uma visão geral e encadeada das solicitações a partir de um sistema eletrônico integrado e assim evitar perda de informações, retrabalho e perda de tempo, sobretudo pela redução no número de atendimentos presenciais”, explica a Superintendente.

Antes da conclusão do novo sistema, prevista para meado de 2014, alguns ajustes estão sendo feitos com a criação e o remanejamento de subdivisões, de conformidade jurídica e de infraestrutura para que um novo modelo de gestão de pessoas possa ser de fato implantado e bem-sucedido. No que tange às subdivisões, foram criados dois departamentos: o de Tecnologia da Informação em Recursos Humanos (Detec) e o de Pagamento (Depag); novas coordenações, entre elas a de Comunicação Social, e novos serviços, como o de Dimensionamento (Serdim), vinculado ao Departamento de Seleção e Desenvolvimento de Pessoal (Desen).

O Detec foi criado para abrigar uma equipe maior, dividida em duas coordenações: a Técnica de Desenvolvimento de Sistemas (Codesis), responsável, entre outras coisas, por ser o canal direto entre a SRH e a Dinfo no que se refere às demandas de informática, e a Técnica de Infraestrutura e Manutenção (Cotema), responsável pelo suporte técnico aos computadores do setor. A antiga Coordenação de Pagamento (CPAG), que estava subordinada hierarquicamente ao Departamento de Administração de Recursos Humanos (DEARH), foi redimensionada e ganhou status de departamento (Depag) para, assim como os outros, se reportar diretamente ao gabinete da Superintendência. O Depag foi disposto em Divisão de Preparo de Folhas (Difolha), para cuidar do pagamento dos servidores, e em Divisão de Cálculo e Recolhimentos (Dicalc), para cuidar do pagamento dos prestadores de serviço. A Coordenação de Comunicação Social vai cuidar da produção do conteúdo veiculados pela Superintendência (no *site* e em informativo impresso), para cuidar da comunicação eletrônica (“fale conosco” do *site*) e para fazer o agendamento *on-line* do atendimento presencial dos servidores e prestadores de serviço quando o novo sistema eletrônico estiver em funcionamento.

O Serdim vai colaborar com o dimensionamento, planejamento e gestão de pessoal das unidades acadêmicas, promovendo estudos que atendam com mais celeridade às demandas da Universidade por recursos humanos e à legislação sobre concursos e contratações temporárias de técnicos administrativos. “O *site* da Superintendência conta agora com um formulário modelo, intitulado ‘Memorando de Solicitação de Pessoal’, por meio do qual os diretores das unidades devem fornecer as informações necessárias para que uma avaliação técnica seja feita e encaminhada pelo Serviço à

Reitoria e receba, conforme o caso, a posterior autorização das vagas”, orienta Claudia Mello, chefe do Serviço de Dimensionamento.

Além da orientação em concursos e contratações, outras ações da SRH têm objetivado a conformidade jurídica, a licitude de seus procedimentos: é o caso da identificação de parentesco por meio da assinatura de termos declaratórios, em respeito ao Ato Executivo de Decisão Administrativa (AEDA) nº 047, de 2009; da garantia de sigilo de documentação recebida pela SRH, inclusive contracheques, sempre em envelopes lacrados, abertos por uma única pessoa autorizada, e a implantação do regime de Dedicção Exclusiva de professores, exigido pela Lei Estadual 6328, de outubro de 2012.

Sobre a preocupação com a garantia da licitude dos procedimentos da SRH, a Superintendente Elaine Pereira destaca a consultoria prestada pela Procuradoria Geral da UERJ: “A Procuradoria tem nos auxiliado na identificação de direitos dos servidores e na uniformização de decisões e medidas a serem concretamente adotadas junto a órgãos externos, tais como Ministério Público, Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão e Tribunal de Contas. É uma parceria que tem facilitado a regularização de ações e, conseqüentemente, propiciado maior segurança aos gestores da Universidade.”

Em relação à infraestrutura, o espaço da Superintendência foi replanejado conjuntamente com a Reitoria, a Diretoria de Administração Financeira e a Prefeitura dos *campi*, para atender à lógica do novo ordenamento de fluxos de processos e à modernização da estrutura elétrica e de rede (cabearamento) para computadores. A obra, que já começou, tem conclusão prevista para junho de 2014, segundo informa o Prefeito Ivair Machado.

Aposentadoria é tema de debate com servidores

Para discutir e orientar os servidores sobre as mudanças no sistema previdenciário, a Superintendência de Recursos Humanos realizou em novembro o “I Seminário SRH: foco em aposentadoria”, com a proposta de transformá-lo em evento semestral direcionado para o debate regular sobre assuntos relacionados à vida funcional dos servidores da UERJ. O tema do encontro, a aposentadoria, partiu de dúvidas dos próprios servidores, que frequentemente encaminhavam à SRH perguntas sobre o assunto. “Este evento é o momento para pensar, discutir e, ainda, repassar aos colegas informações sobre a aposentadoria. Com certeza, muitas dúvidas serão dirimidas”, afirmou o Vice-reitor

professor Paulo Roberto Volpato Dias na mesa de abertura.

Segundo a Superintendente da SRH, Elaine Lúcio Pereira, ações como a série de seminários que começa a ser implantada e as reformulações em curso na SRH pretendem dinamizar as atividades e atender melhor os quase 10 mil servidores e prestadores de serviço na Universidade: “Tudo tem que estar perfeito: pagamento, aposentadoria, elaboração de concurso, provimento e dimensionamento de pessoal. É uma engrenagem pesada, mas acredito que a equipe da SRH tem dado conta disso”. Atualmente, o Estado do Rio possui três regimes de previdência: o regime geral (regime contributivo e de

filiação obrigatória para empregadores e empregados assalariados), o regime próprio (do servidor público) e desde 4 de setembro de 2013, no Rio de Janeiro, o regime de previdência complementar: “Muita coisa tem mudado nos últimos anos em termos previdenciários, por isso a dificuldade do assunto”, disse Marcelo Ferreira, coordenador de Direitos e Vantagens da SRH. Dentre as várias regras da aposentadoria foi apresentada aquela que está em vigor aos servidores que ingressaram no quadro funcional da Universidade depois de 4 de setembro de 2013. A partir dessa data, o servidor que não integrava outra carreira pública está submetido a novo regime previdenciário e tem a opção

de aderir à previdência complementar para maximizar a composição de reserva para aposentadoria.

Nesse modelo, aqueles que ganham até R\$ 4.159,00 (teto atual do INSS) continuam contribuindo para o Fundo Único de Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro (Rioprevidência). Acima desse valor há a opção de escolha de uma das quatro alíquotas (5,5%, 6,5%, 7,5%, 8,5%) de adesão à previdência complementar, da Fundação de Previdência Complementar do Estado do Rio de Janeiro (RJPrev). Na previdência complementar, o estado do Rio também contribui com uma alíquota igual à paga pelo servidor, limitada a 8,5%. “Aqueles que fizerem a opção pelo novo regime receberão sua remuneração

Ações de interiorização marcam os 21 anos do CEED

Um momento para recordar e rever o caminho trilhado em mais de duas décadas de história pela Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento da UERJ: esse foi o tom da solenidade em comemoração aos 21 anos da CEED, antiga Coordenaria dos *Campi* Regionais, no dia 31 de outubro. A celebração incluiu também uma homenagem ao atual Superintendente de Educação Superior da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, professor e ex-Vice-reitor João Regazzi Gerk, que desempenhou papel importante no processo de interiorização da Universidade, no período em que esteve a frente da antiga Coordenadoria dos *Campi*. Ao enfatizar a trajetória pública de Regazzi nos cargos de Vice-reitor, Sub-reitor de Extensão e Cultura, diretor da CCR e diretor do Instituto de Medicina Social, o Reitor Ricardo Vieiralves destacou que a homenagem era um ato de agradecimento pelo trabalho por ele desenvolvido na UERJ: “Agradecemos por sua visão estratégica, por seu compromisso social, por todas as suas ações e, principalmente, por seu caráter. Você é uma pessoa que nos dignifica”.

Participaram do evento os ex-reitores da UERJ Hésio Cordeiro e Ivo Barbieri; o diretor do Centro Biométrico,

professor Mário Sérgio Carneiro; o diretor do Centro de Ciências Sociais, professor Leo da Rocha Ferreira; o Diretor do Centro de Educação e Humanidades, professor Glauber Almeida de Lemos e a Coordenadora da CEED, professora Tatiane Baptista. Representantes da área política também compareceram à solenidade, entre os quais o ex-prefeito de Resende, Noel de Carvalho e o Prefeito de Queimados, Max Lemos.

A CEED foi criada em 1992 como Coordenaria dos *Campi* Regionais, na gestão do Reitor Hésio Cordeiro, tendo por objetivo pensar a expansão e a interiorização da Universidade como entidade de desenvolvimento social e econômico do estado do Rio de Janeiro. Na época identificada como Coordenadoria dos *Campi* Regionais, o setor desenvolveu projetos voltados para interesses e vocações regionais, especialmente do interior. Um de seus principais programas foi o Internato Rural, que recebeu alunos de Medicina, Nutrição, Enfermagem, Serviço Social, Educação, Odontologia e outros cursos para atuarem no interior, dando apoio às prefeituras em questões de saúde.

A antiga Coordenadoria também foi importante para a criação do *campus* regional de Resende, tendo sido responsável pelo reconhecimento do

EXPANSÃO REGIONAL – LINHA DO TEMPO

1987	<i>Campus</i> São Gonçalo
1988	<i>Campus</i> Caxias
1992	Criação CCR
1992	<i>Campus</i> Nova Friburgo
1994	<i>Campus</i> Resende
1998	<i>Campus</i> Ilha Grande
2009	Criação CEED
2009	<i>Campus</i> Teresópolis

espaço, pela negociação com as autoridades locais e pela articulação entre as prefeituras da região e o setor produtivo. Esta ação resultou na instalação da Faculdade de Tecnologia: “A opção da Universidade pela instalação da sua unidade de Resende foi gerada a partir de um debate interessantíssimo, que contou com a participação da própria cidade, dos setores econômicos, dos jovens, do poder público. Hoje começamos a colher frutos”, lembrou o Reitor Ricardo Vieiralves. Ao longo dos seus 63 anos de história, completados em dezembro de 2013, a UERJ teve incorporações importantes e que geraram novas unidades acadêmicas – caso de São Gonçalo (FFP), Caxias (FEBF), Nova Friburgo (IPRJ), Teresópolis (Turismo) e Ilha Grande (CEADS).

Reestruturada em 2009 por Ato Executivo do Reitor, a Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento tem operado em várias frentes: uma delas trata da expansão na área de saúde e esporte com a criação do Centro de Alto Rendimento de Atletas, que prevê a expansão do Instituto de Educação Física e envolve outras áreas – como a Superintendência de Saúde e a Fisioterapia do Hospital Pedro Ernesto e unidades como Biologia, Psicologia, Nutrição, Medicina e Odontologia. Outro projeto da Coordenadoria envolve a criação de um novo *campus* na Baixada Fluminense, em Queimados. O espaço vai abrigar o curso de Engenharia Civil e Urbanismo – integrado à Faculdade de Engenharia e em parceria com o Instituto Politécnico de Milão e com o Distrito Industrial de Queimados –, direcionado para a formação de profissionais nos setores de desenvolvimento urbano e planejamento. Segundo a coordenadora do CEED, Tatiane Baptista, “A expansão da Universidade e a sua abertura para a sociedade sempre foi tratada ao longo destes 21 anos com seriedade, maturidade e cuidado. A UERJ é uma instituição capilar, uma pluriversidade. Nossa capacidade de atuação no interior e de colaboração com os municípios é bastante significativa”.



Da esquerda para a direita: o Procurador Geral da UERJ, Leonardo de Almeida; o professor de Direito Previdenciário, Fabio Zambitte; o Diretor Presidente da RJPreu, Halan Moraes e o representante da SRH, Marcelo Ferreira

a partir da soma dos valores oriundos do Rioprevidência e do RJPrev”, explicou Halan Moraes, diretor presidente da Fundação de Previdência Complementar do Estado do Rio de Janeiro. Para os que ingressaram na Universidade antes de setembro de 2013, o regime previdenciário não tem alteração, mas existe a possibilidade de migração caso o servidor deseje.

O procurador geral Leonardo Rocha de Almeida explicou que o servidor mais antigo provavelmente não terá benefício com essa adesão, porque já possui a paridade (garantia constitucional que assegura ao inativo a correção dos seus proventos na mesma data e nos mesmos índices do reajuste do servidor em atividade), ao passo que o servidor mais recente possui uma condição diferenciada: “Sem a adesão ao regime, a aposentadoria do novo servidor vai ficar limitada ao teto da previdência

social, já com a adesão o servidor passa a fazer uma reserva, uma complementação, que ajudará em sua aposentadoria”. O professor de Direito Previdenciário da UERJ, Fabio Zambitte, chamou atenção para o fato de que, historicamente, o servidor público recebeu tratamento privilegiado para aposentadoria, o que lhe permitia se aposentar com a última remuneração. Com a criação do Fundo de Pensão dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, o servidor terá direito ao teto igual ao INSS – acima disso, a complementação será via RJPrev: “O potencial benefício no longo prazo é ganhar mais se o dinheiro for bem aplicado, mas pode ser o inverso. O Fundo de Pensão pode ir mal e, por isso, o servidor deve assumir o risco desse investimento”. Informações sobre os regimes previdenciários e para saber como funcionam as novas regras estão no *site* <www.rjprev.rj.gov.br>.

Centro de pesquisa promove o uso de fontes renováveis de energia no sul fluminense

Energia renovável não é assunto do futuro, mas uma demanda do presente. Diante da atualidade e emergência do tema e considerando as inúmeras descobertas no campo das fontes alternativas de energia, um grupo de professores da Faculdade de Tecnologia do *campus* Regional da UERJ em Resende se reuniu e criou o Centro de Fontes Renováveis de Energia com a finalidade de estudar e aperfeiçoar mecanismos e equipamentos que deem suporte para o setor. Criado em 2010 e coordenado pelo professor Miguel Hirata, atualmente o Centro trabalha no desenvolvimento de técnicas mais eficazes de coleta do calor solar para a geração de energia térmica e elétrica. A pesquisa pretende transformar equipamentos já existentes que utilizam o sol como fonte para o aquecimento de água e geração de eletricidade a fim de potencializar sua atuação e tornar os custos mais acessíveis para a popularização desses recursos.

De caráter interdisciplinar, o Centro tem participação ativa de alunos e professores de dois departamentos: de Mecânica e Energia (professores Miguel Hirata e Newton Galvão Leite, da Engenharia) e de Matemática, Física e Computação (professores Roberto Magnago e Mirian Henriqueta Bracco, da Física, e Patrícia Helena Nogueira, da Matemática). Nesse processo interacional, cada um traz a sua contribuição para a consolidação do projeto: a professora Mirian estuda robótica, geração elétrica e medição de temperatura por bancadas fotovoltaicas; o professor Newton pesquisa energia solar; a professora Patrícia trabalha com cálculos matemáticos e o professor Roberto investiga dados meteorológicos. Sob coordenação do professor Hirata, grupos de alunos começam a participar das atividades do Centro desde o 3º período da Faculdade.

O diálogo com a indústria é um elemento estimulador das atividades desenvolvidas pela equipe do Centro de Fontes Renováveis de Energia. O trabalho sobre energia térmica tem parceria com uma fabricante de aquecedor solar doméstico localizada em Barra Mansa, a 30 km de Resende. “A ideia é melhorar o desempenho dos aquecedores para que produza água quente não a 60°C, mas a 100°C, de modo a esquentar grande quantidade de água”, diz Miguel Hirata. A perspectiva é de aumento de venda desses aparelhos, com a adesão de domicílios e de indústrias da região. O movimento para



Estação de testes de energia solar, no *campus* Regional da UERJ em Resende



popularizar a utilização de fontes limpas de energia não poderia se limitar ao barateamento e à melhoria do desempenho de aquecedores. Segundo os professores Miguel e Newton Leite, no início do Centro havia pouco interesse da comunidade e faltava mão de obra qualificada para trabalhar com equipamentos de energia renovável. Por isso, a primeira iniciativa do grupo foi investir na formação de recursos humanos especializados, com cursos oferecidos na Faculdade, seguidos da formação de vetores para difundir o projeto.

Estudantes do ensino médio também foram convidados a conhecer o *campus* regional da Universidade, com palestras sobre o trabalho do Centro e a importância do uso de fontes renováveis. Como muitos professores da região não estavam preparados para discutir o tema em sala de aula foram planejados cursos anuais de atualização por meio do projeto “Divulgação de Ciências”, coordenado pela professora Mirian Bacco. O curso despertou o interesse dos educadores locais e a maior procura motivou novos investimentos no projeto: o material didático de apoio aos cursos foi incluído no projeto de extensão “Educação para Sustentabilidade, Agenda 21 e Fontes de Energias Renováveis”, coordenado pela professora Elaine Torres, que recebeu financiamento via Edital Novos Talentos 2012 da CAPES. Com esse apoio está prevista a elaboração de novo material,

que inclui miniaturas de instrumentos de captação de energia solar para que professores façam demonstrações nas escolas. São todas maneiras encontradas pelos pesquisadores da FAT para apresentar aos moradores da região sul fluminense as vantagens de refletir sobre a adoção de uma fonte de energia limpa. Segundo o professor Miguel, o investimento com a instalação de um aquecedor solar de água em uma casa é compensado nos primeiros dois anos com a economia na conta de energia elétrica. Sobre o uso de aquecedores a gás, os professores do Centro de Fontes Renováveis de Energia apontam os riscos com acidentes domésticos e a emissão de poluentes provocada pela queima de gás. A energia fotovoltaica, por ser mais cara, segundo a professora Mirian, tem retorno em cerca de cinco anos – por isso as pesquisas em desenvolvimento no Centro estão direcionadas ao estudo dos concentradores, peças que potencializam a captação da energia solar, para baratear esse recurso: “A intenção, depois de gerar essa demanda por fontes limpas, é entrar em contato com a Prefeitura local para que medidas de incentivo ao uso de energia renovável sejam criadas, como a redução de impostos para os usuários, por exemplo,” prevê o professor Hirata.

Para o desenvolvimento teórico das pesquisas, o Centro possui dois laboratórios: um deles é dedicado à parte experimental, com atividades ainda restritas devido ao custo elevado dos equipamentos, e o outro está equipado com computador para serviços de alto desempenho, onde são feitas todas as simulações numéricas. Os estudos desenvolvidos em laboratório são colocados em prática na Estação de Testes, espaço montado na área externa do *campus* de Resende, composto por vários instrumentos, entre os quais uma torre meteorológica e vários coletores de energia solar (alguns que já existem no mercado e outros que estão em processo de aperfeiçoamento). Além disso, o Centro está realizando investigações de menor porte, como a construção de túneis de vento com o uso de sucatas para pesquisas em termodinâmica, em parceria com o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), de São José dos Campos, SP.

A adesão aos projetos do Centro de Fontes Renováveis de Energia por parte dos alunos é expressiva: 13 bolsistas, cotistas e voluntários integram o grupo, todos de graduação, porque na FAT ainda há cursos de mestrado e doutorado. O professor Miguel destaca o grau de entendimento e dedicação dos estudantes: “Esses jovens passam o dia todo aqui no Centro e têm mais domínio do que eu sobre o funcionamento de certas tecnologias – acabo aprendendo com eles”. Para Rafaella Bonanni, aluna do 4º período, o que importa é o contato agregador à formação profissional e os caminhos que a pesquisa aponta: “Estamos otimizando um sistema que já existe e criando a partir de peças que ainda não são produzidas no Brasil. Com o conhecimento que adquirimos na pesquisa podemos até ter o nosso próprio negócio”. Esse é um exemplo do papel incentivador dos professores, que vai além da formação de engenheiros para o mercado de trabalho, ao propor a formação do engenheiro empreendedor, que possa conduzir seu próprio negócio. Com verba da FAPERJ, o projeto “Absorvedores de Energia Solar de Alto Desempenho” vai permitir a construção em 2014 de uma sala para a realização de conferências e cursos sobre o tema. As pesquisas de aprimoramento da coleta de calor solar e sua conversão em energia elétrica e térmica devem estar concluídas no final de 2015. O resultado mais aguardado, além da já popularização do uso desse tipo de energia, é o apoio das prefeituras da região sul-fluminense à tecnologia desenvolvida no *campus* de Resende.

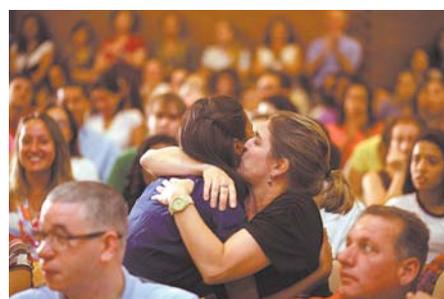
Estudantes recebem prêmios do 24ª UERJ sem Muros

Um momento de expectativa e, depois, de festa para alunos, familiares, professores e orientadores que estiveram na Capela Ecumênica para conhecer os trabalhos avaliados como os melhores apresentados no UERJ sem Muros de 2013. Assim foi a cerimônia de entrega dos prêmios Professor Fernando Sgarbi Lima, concedido pela Sub-reitoria de Graduação; Professora Maria Andréa Loyola, entregue pela Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa; e Professora Maria Theresinha do Prado Valladares, oferecido pela Sub-reitoria de Extensão e Cultura.

No total, 27 alunos receberam certificados e *tablets* como premiação e 102 estudantes ganharam menções honrosas. As premiações são vinculadas aos cinco eventos que integram o UERJ sem Muros: a Semana de Graduação, a Semana de Iniciação Científica, a Mostra de Extensão, a Feira de Prestação de Serviços e o Espaço Ciência. Para o Reitor Ricardo Vieiralves, os vencedores mostram três condições importantes para o desenvolvimento da pesquisa científica: o trabalho, o conhecimento e o talento: “Os premiados de hoje estão aqui porque tiveram com seus professores muito trabalho, a capacidade de gerar e produzir informações e mostrar um intangível importante – o talento”.

Dos 743 projetos apresentados na 13ª Semana de Graduação, 52 foram selecionados para a última etapa de avaliação. Destes, 10 receberam prêmios e três receberam menção honrosa. A premiação foi dividida em cinco categorias: estágio interno complementar e iniciação a docência (três pesquisas premiadas em cada categoria); monitoria e programa de educação tutorial (um prêmio em cada categoria); e projeto final de curso, para o qual foram concedidos dois prêmios. As menções honrosas foram distribuídas entre as cinco categorias.

Na 17ª Mostra de Extensão, na 24ª Feira de Prestação de Serviços e no 10º Espaço Ciência, foram selecionados, para a última fase de avaliação, 15 trabalhos. Deles, cinco foram premiados e dez receberam menções honrosas. O processo de seleção da Sub-reitoria de Extensão e Cultura foi dividido em três etapas. A primeira destacou os projetos com conceito excelente e muito bom nas avaliações. A segunda etapa verificou se



o aluno possuía bolsa de extensão desde o ano anterior; na terceira fase, os estudantes selecionados fizeram uma apresentação oral do projeto para um comitê formado por três professores avaliadores – dois internos e um externo à UERJ. Para a professora Regina Henriques, Sub-Reitora de Extensão e Cultura, “A premiação dos trabalhos durante o UERJ sem Muros é um momento importantíssimo em que temos a oportunidade de valorizar o trabalho que o estudante faz e o quanto a extensão contribui para a sua formação”.

Dos 801 trabalhos apresentados na 22ª Semana de Iniciação Científica – além dos 21 trabalhos de ensino médio (bolsa de iniciação científica júnior) produzidos pelos alunos do CAP-UERJ – 83 receberam menção honrosa e nove os prêmios principais. A premiação foi distribuída em três grandes áreas: Ciências

Exatas, da Terra e Engenharias; Ciências da Vida e Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes. Entre os trabalhos de iniciação científica júnior, nove se destacaram: três receberam prêmios e outros seis menções honrosas. “O fechamento do UERJ sem Muros é a cerimônia de premiação, que é o coroamento deste trabalho de semear as atividades de docência, extensão, cultura e pesquisa”, disse a Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, professora Monica Heilbron.

Bruno Alho, ex-aluno da Universidade da graduação ao pós-doutorado, hoje professor do CAP-UERJ, falou na solenidade sobre a importância da iniciação científica: “A ciência é feita com suor. Muita gente acha que é um *insight*, mas ela é resultado de trabalho duro. Você tem que ser insistente, trabalhar com responsabilidade, ter humildade e colaborar com os colegas de profissão.

Os prêmios chegam como consequência”. A professora Maria Andréa Loyola, que este ano foi homenageada com o seu nome no prêmio de iniciação à ciência, lembrou a sua história na UERJ, que começou em 1975, e falou da sua trajetória na área científica: “Iniciei minha carreira universitária quando a pesquisa ocupava um papel totalmente secundário e, mais do que isso, era vista com maus olhos por uma parte considerável dos docentes da época. Mas nos últimos 20 / 30 anos, estimulada por programas destinados a este fim nas agências de fomento e nas universidades, a pesquisa não parou de crescer”.

Premiados

Uma pesquisa sobre mídia e processos de criminalização deu a Augusto Maciel Waga o 1º lugar do Prêmio de Iniciação Científica, categoria Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes. Orientado pela professora Silene de Moraes Freire, Augusto integra o Programa de Estudos da América Latina e Caribe. “Fiquei muito feliz em receber o prêmio, foi um esforço coletivo de todos os companheiros do PROEALC”, disse. Rômulo Gonçalves Paes Leme Baptista, do Instituto de Biologia, ficou entre os cinco melhores do Prêmio de Extensão: com um trabalho de divulgação científica coordenado pela professora Andréa Carla Souza Goês, ele montou material didático que conta a história de Mendel, conhecido como o pai da genética. Ele comemorou dizendo: “Conseguimos trazer todas as etapas feitas por Mendel em sua ervilheira para dentro da sala de aula, permitindo que os alunos tenham mais compreensão sobre a genética, que é um tema considerado difícil”. A estudante Andréa Hygino Rodrigues da Silva também recebeu um dos prêmios de Extensão. Participante do Projeto Juventude, Prática Musical e Expressão - Vivendo e Criando Música com os Jovens, coordenado pela professora Ilana Assbu Linhales Rangel, a aluna do curso de Artes Visuais disse que a participação no projeto tem desenvolvido a sua criatividade musical e o seu conhecimento sobre arte: “Estou muito mais estimulada a continuar trabalhando. Esse prêmio me incentivou a seguir na pesquisa, pois vejo que a atividade tem valor e que as pessoas reconhecem o que fazemos”.

Parceria na área de Geologia cria novo módulo de especialização em análise de bacias

Resultado da parceria da Universidade com a empresa norueguesa de energia Statoil e a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o curso de especialização em Análise de Bacias - Módulo Interpretação Sismoestratigráfica teve início em outubro com a aula sobre exploração em águas profundas (The Exploration of Deepwater Espírito Santo's Basin, ministrada pelo geofísico da Statoil, Tore Husmo).

O curso – que é gratuito, tem duração de um ano e se destina a estudantes que possuem graduação em Geologia ou áreas afins – pretende atender a demanda do mercado de óleo e gás no Brasil oferecendo aulas com profissionais de interpretação sísmica para os envolvidos em atividades de exploração e desenvolvimento de hidrocarbonetos. O professor Sergio Bergamaschi, que participou da elaboração do projeto de criação do curso, explica que “a sísmica aplicada à exploração de petróleo é uma ferramenta da geofísica que busca, através do imageamento das camadas rochosas que compõem as bacias sedimentares, compreender a estrutura, a origem e a evolução dessas bacias”.

Essa compreensão da história e da estrutura das bacias sedimentares vai sendo obtida ao longo de sucessivas pesquisas realizadas por geólogos e geofísicos que se valem de diferentes disciplinas além da geofísica, tais como: sedimentologia, estratigrafia, geoquímica, tectônica, geofísica etc. “Na área de petróleo”, completa o professor, “as seções sísmicas são de grande importância, pois permitem – através dos padrões de reflexão e propagação das ondas sonoras (ondas de choque semelhantes às ondas geradas por um terremoto) através das rochas em subsuperfície – compreender a arquitetura de preenchimento dessa bacia. As imagens obtidas nas seções sísmicas se assemelham às modernas tomografias do corpo humano, sendo que os detalhes das estruturas das camadas em subsuperfície são dadas por modificações na velocidade e na direção de migração das ondas sísmicas em profundidade”. A interpretação sismoestratigráfica se refere a essa área que

envolve conhecimentos da geologia e da geofísica e que tem como objetivo compreender a estrutura e a história de evolução dos estratos e eventos de uma bacia sedimentar. É tema que gera um grande interesse acadêmico e também econômico, pois pode aumentar o índice de sucesso na exploração e na produção de recursos petrolíferos no país.

Além de patrocinar o curso, a Statoil também está financiando a construção, na Faculdade de Geologia, do Laboratório de Interpretação Sísmica, que está em fase final de implantação. O convênio prevê inicialmente duas turmas – no segundo semestre de 2013 e no segundo semestre de 2014 – com patrocínio da Statoil. O curso pretende formar e capacitar intérpretes na área de sismoestratigrafia, visando integrar tanto os conceitos e as ferramentas da área de geofísica (em específico a sísmica) como os conceitos e ferramentas da área de geologia (estratigrafia, sedimentologia, petrofísica, geologia estrutural, geoquímica) usando uma moderna visão integrada das disciplinas. Hoje existe um amplo e atrativo mercado de trabalho nessa área e poucas universidades fornecem oportunidades de capacitação: “A criação do curso e de um laboratório moderno na UERJ abre uma área importante de pesquisa e de formação de recursos humanos na instituição, permitindo também uma cooperação mais efetiva com as empresas de exploração e produção de petróleo em atividade no país”.

Participaram da primeira aula a Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, professora Monica Heilbron, o vice-presidente da Exploração da Statoil, Orjan Birkeland, o professor Hernani Chaves, da Faculdade de Geologia da UERJ, a superintendente adjunta de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da ANP, Tathiany Rodrigues, o presidente da Schlumberger Brasil, José Firmo, e o gerente do Centro de Tecnologia da empresa CGG, Tadeu Vidal.

Histórico

O primeiro contato da Statoil com a UERJ aconteceu em agosto de 2011, com o professor Tore Husmo. “A partir daí, convocamos a Faculdade de Geologia e começamos as negociações para o

estabelecimento do projeto”, explica a professora Monica Heilbron. A UERJ já possuía um curso de especialização em Análise de Bacias com dois módulos, então foi proposta a criação de um terceiro módulo direcionado para a Interpretação Sismoestratigráfica, aprovado no primeiro semestre de 2013 pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da Universidade. Cada módulo é um curso independente e são abertos editais específicos para cada um deles.

O Departamento de Estratigrafia e Paleontologia da Faculdade de Geologia é responsável pela coordenação da proposta, que também tem a participação de pesquisadores de dois outros departamentos: de Geologia Regional e Geotectônica e de Geologia Aplicada. “A demanda principal da Statoil, comum a outras petroleiras, é a necessidade de formar recursos humanos qualificados para atuar em geofísica exploratória. Assim começamos a elaborar esta parceria para organizarmos o terceiro módulo”, diz a professora Monica. Na Faculdade de Geologia o curso é coordenado pelo professor Hernani Chaves e na Statoil pelo professor Tore Husmo. Ele considera a iniciativa como “muito importante para a Statoil que, ao apoiar esse programa de educação, pretende incentivar e aumentar os intérpretes de dados sísmicos no Rio de Janeiro, principalmente, porque há escassez desses profissionais no mercado e a demanda só aumentará. Dessa forma estamos preenchendo uma lacuna fundamental na UERJ”.

Para Marianne Hoie, chefe do Centro de Pesquisa da Statoil no Rio de Janeiro, é “um grande prazer colaborar com a formação de geólogos e geofísicos na interpretação sísmica aplicada, competência essencial para o sucesso da exploração de recursos de óleo e gás. Estamos orgulhosos do projeto”. A avaliação é compartilhada pelo vice-presidente da empresa, Orjan Birkeland, que disse estar muito feliz em fazer parte de uma ação que irá colaborar para a formação de profissionais capacitados para atender as necessidades da indústria do petróleo. As empresas Schlumberger e CGG, que apoiam o projeto, doaram softwares para serem utilizados na Universidade: a Schlumberger doou

licenças do software Petrel, utilizado na interpretação sísmica, e a CGG doou licenças de softwares de processamento sísmico. José Firmo assinala que como o Brasil tem apenas 4,5% das bacias sedimentares sob concessão, um curso de interpretação sismoestratigráfica é bastante apropriado para a realidade do país: “Precisamos de mais intérpretes, de muita inovação e de muita curiosidade. A ideia de que as novas descobertas sempre começam na imagem e na imaginação dos intérpretes e dos geólogos já dão conta da importância da criação desse curso”.

Esta é a primeira parceria da Universidade com a Statoil, mas a experiência da UERJ na execução de convênios desse tipo vem de longa data, tanto na forma de cursos de especialização como em desenvolvimento de pesquisas. Projetos similares são realizados com a Faculdade de Geologia, com o Instituto de Química, com a Faculdade de Direito, com o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro e com a Faculdade de Engenharia. Segundo a professora Monica, a diferença é que, até então, a maioria destes programas havia sido executada com a Petrobras – através das Redes Tecnológicas e da carteira de projetos contratados do Programa Tecnológico em Fronteiras Exploratórias (Profex). As Redes Tecnológicas unem em trabalhos colaborativos instituições brasileiras qualificadas que desenvolvem pesquisas com base em temas estratégicos identificados pela Petrobras na área de petróleo e gás. O Profex foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello com o objetivo de ampliar os ganhos na exploração de óleo e gás. Os projetos das Redes são intermediados pela ANP, a agência governamental que organiza, aprova e acompanha os projetos com todas as companhias do setor, enquanto os do Profex são elaborados diretamente com as companhias de petróleo: “Esta é a primeira parceria com a Statoil, mas estamos em negociação para que o programa conjunto de pesquisa e de formação de recursos humanos possa se estender para outras unidades”, completa a professora Monica.

FEBF completa 25 anos como unidade acadêmica da UERJ em Duque de Caxias

“Parabenizo todos os estudantes que há muitos anos lutavam para consolidar nesta região um curso superior público, gratuito e de qualidade. O atendimento imediato das primeiras necessidades será feito com especial urgência e atenção, entretanto, a consistência, o valor e a grandeza da FEBF serão construídos por aqueles que trabalham e estudam, dedicando-se à causa da educação”. Com estas palavras o então Reitor da UERJ, professor Ivo Barbieri inaugurou em 10 de novembro de 1988 a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, que em 2013 completou 25 anos. Para comemorar a data, a FEBF preparou uma confraternização em seu *campus*: durante três dias (entre 11 e 13 de novembro) alunos, professores e a comunidade do bairro São Luís se reuniram para festejar o aniversário da unidade acadêmica da UERJ em Duque de Caxias.

Aprovada por unanimidade na primeira e única vez na história da Universidade em que o Conselho Universitário se reuniu fora do *campus* Maracanã, a FEBF foi criada com o objetivo de abrir as portas da UERJ para a população da Baixada Fluminense através do ensino, da pesquisa e da extensão: “A Faculdade tem um papel importantíssimo na região. Boa parte dos professores que se forma aqui passa a atuar nas redes municipais da própria Baixada. O nosso mestrado, que trata de periferias urbanas, o Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação Técnica, que atua no resgate histórico e em temas de interesse da região, e a Kaxinawá, rádio comunitária e educativa, são exemplos de trabalhos que envolvem diretamente a vida da comunidade externa à Faculdade”, diz a diretora em exercício da FEBF, professora Marize Peixoto Figueiredo.

A história da Faculdade começou antes de sua instituição como unidade acadêmica da UERJ, por isso o evento comemorativo considerou também os 48 anos de história e luta para a sua concretização na região. A FEBF nasceu, ainda na década de 1970, como Curso de Pedagogia de Caxias (antes denominado Formação de Professores para o Ensino Normal), funcionando no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira. Com a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, o curso perdeu sua vinculação com a Universidade Federal Fluminense, mas continuou



ANDRÉIA REBO

ARQUIVO FEBF



Ato Executivo de criação da FEBF (1988)



vinculado à Secretaria de Estado de Educação. Em 1982, com a Lei nº 472, de 1981, sancionada pelo então governador do estado Chagas Freitas, o curso foi incorporado à UERJ, vinculado à Faculdade de Educação.

Entre 1982 e 1998, a Faculdade continuou a funcionar no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira no período noturno e em salas de aula cedidas pela escola. A reivindicação por um prédio próprio foi bandeira de luta desde a década de 1980 que, somada à falta de instalações



Fundação do Centro Acadêmico Euclides da Cunha (1966)



Reitor Antonio Celso e Governador Marcelo Alencar na transferência da Faculdade para o CIEP (1998)



físicas no Instituto, levou a FEBF a ser transferida para a Vila São Luís, onde funciona até hoje. A transferência para o novo espaço foi feita definitivamente em 1998 e permitiu o oferecimento de novos cursos e atividades na região.

Atualmente a estrutura própria da FEBF mantém 38 professores efetivos, 38 professores substitutos, 20 servidores técnico-administrativos e cinco técnicos de informática. Cerca de 1.000 alunos estão matriculados nos diversos

cursos oferecidos na unidade, entre eles três licenciaturas (graduação) em Pedagogia, em Matemática e em Geografia; duas Pós-graduações *lato sensu* (em Gestão de Sistemas Educacionais e em Organização Curricular e Prática Docente na Educação Básica); e um curso de mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. A FEBF também sedia o Projeto Alegria, em parceria com o Instituto de Educação Física, no qual cerca de 80 crianças da rede pública de educação fundamental participam de atividades de extensão e de apoio ao aprendizado. Para 2014, está nos planos da FEBF a construção de novo projeto político-pedagógico e de gestão – o calendário de encontros nos meses de janeiro e fevereiro já está pronto para discutir com os rumos e a expansão da unidade. Segundo a diretora da FEBF, “desejamos que o projeto seja instrumento de reflexão sobre as necessidades e demandas da Baixada Fluminense que podem ser atendidas pela Faculdade”.

Alunos

Morada da Baixada Fluminense, a aluna do 6º período de Pedagogia, Caroline Portela, destaca a importância do *campus* para os moradores da região: “Com a FEBF, temos a vantagem de cursar o ensino superior perto de casa. É uma oportunidade única tanto para os alunos da Baixada quanto para aqueles de classes sociais mais baixas, que não teriam condição de ir para o *campus* Maracanã”. Lucas Lima, estudante do 6º período de Matemática, enfatiza que a Faculdade trouxe uma série de benefícios a ele e a vários alunos da Baixada Fluminense: “Quando vi que tinha Matemática aqui, entrei de cabeça. Se o curso fosse no *campus* Maracanã, acho que não daria para fazer, porque a distância não permitiria”. Morador de Duque de Caxias, o estudante Guilherme Dias diz que já tinha a intenção de cursar Geografia quando soube que no *campus* da FEBF havia essa possibilidade: “Eu pensava em ir para o *campus* Maracanã, mas quando soube da FEBF não quis perder a oportunidade de estudar próximo à minha casa. Se existe um *campus* em Caxias, pensei: por que não? A Faculdade é como se fosse a minha segunda casa – aqui estudo, convivo com meus amigos, participo do Centro Acadêmico, me sinto à vontade”.

Projeto Ecovila Digital está entre as melhores práticas de sustentabilidade

Com o *case* “Comunidade e espaço de pesquisa conectados”, a parceria entre o Instituto Embratel e o Ecomuseu Ilha Grande (vinculado à SR3) conquistou o 25º lugar no ranking do Programa Benchmarking Brasil 2013. Em sua 11ª edição, o Programa destaca anualmente o melhor do conhecimento aplicado no âmbito socioambiental e, por meio dessa classificação, busca motivar talentos da área a compor o banco de boas práticas corporativas – o maior do Brasil hoje, segundo a empresa – e assim contribuir para que gestores reconheçam oportunidades e vençam desafios apresentados pela variável socioambiental às empresas e à sociedade em geral.

Podem se candidatar a uma colocação no ranking Benchmarking Brasil empresas e instituições que operem no território nacional e que apresentem soluções e práticas socioambientais inovadoras capazes de proporcionar benefícios reais ao meio-ambiente natural e à comunidade e também competitividade à organização que adota essas soluções e práticas. O *case* “Comunidade e espaço de pesquisa conectados”, fruto dos acordos de cooperação técnico-educacional e de doação de computadores à UERJ firmados em 2011 entre o Instituto Embratel e o centro multimídia do Ecomuseu Ilha Grande, representou o primeiro passo para a inclusão digital dos moradores de Vila Dois Rios, localizada na costa sul da Ilha Grande, no município fluminense de Angra dos Reis.

Ao Instituto Embratel coube a instalação de uma antena para o acesso à internet em banda larga na velocidade de 600 Kbps, a manutenção desse serviço e a doação de três computadores que, em espaço cedido pelo núcleo Museu do Cárcere do Ecomuseu, permitiu o estabelecimento da primeira *LAN house* (local com acesso público a computadores em rede) de Vila Dois Rios e a implementação do projeto Ecovila Digital. “A UERJ se comprometeu a utilizar os recursos prioritariamente para fins educacionais e de inclusão digital”, explica Wânia Clemente de Castro, coordenadora pedagógica do Centro de Tecnologia Educacional (CTE) e do centro multimídia do Ecomuseu.



No sentido horário: Wânia Clemente, coordenadora pedagógica do CTE; Ricardo Lima, diretor do Decult-SR3; Regina Henriques, Sub-reitora de Extensão e Cultura e Luiz Bressan, diretor do Instituto Embratel



O povoado de Vila Dois Rios integra a Reserva de Biosfera da Mata Atlântica, reconhecida pela Unesco, o Parque Estadual da Ilha Grande e a Área de Proteção Ambiental dos Tamoios. Parcela significativa da população do local trabalhou direta ou indiretamente nas instituições carcerárias do município, sobretudo no Instituto Penal Cândido Mendes, desativado em 1994 – por essa razão é formada por ex-guardas penitenciários, ex-presidiários, policiais militares aposentados e seus familiares. Hoje são cerca de 20 famílias, que somam pouco mais de 70 pessoas.

Antes da instalação da antena e da doação dos computadores, a comunicação dos moradores com pessoas de fora da ilha se restringia ao uso do telefone fixo e do correio. Não há sinal de telefonia celular no local. Ainda assim, as correspondências precisavam, como ainda hoje, ser retiradas pelo morador na agência que fica em Vila do Abrão, o centro comercial da ilha, onde além de artesanatos, roupas, farmácia, banca de jornal, e *LAN houses* há serviços públicos como posto de saúde, escola, destacamento de polícia militar (DPO) e corpo de bombeiros. O acesso mais fácil

dos moradores de Vila Dois Rios à Vila do Abrão, porém, se dá por uma estrada de terra que exige cerca de duas horas de caminhada ou 40 minutos de carro. Para ir de carro, somente reservando vaga em um dos dois veículos que têm permissão para entrar na Ilha e que frequentemente transportam passageiros: os carros da UERJ e o ônibus e a pick-up da Associação de Moradores de Vila Dois Rios. O acesso de carros é restrito tanto pelo relevo como pelo fato de ser uma área de proteção ambiental.

A instalação da antena pelo Instituto Embratel, a doação dos computadores e a consequente implantação do Ecovila Digital têm viabilizado à comunidade de Vila Dois Rios – local de difícil acesso, de difícil comunicação e historicamente estigmatizado pelo abrigo de instituições carcerárias – maior familiaridade com a tecnologia digital, o acesso a novos conhecimentos e o aprendizado de novas habilidades por meio das oficinas de cinema, fotografia, animação e informática desenvolvidas pela professora Wânia Clemente com auxílio de quatro bolsistas. As bolsistas que participam do projeto, todas do curso de Pedagogia, o projeto permite pôr em prática o que é aprendido na faculdade: “Essa experiência está sendo fundamental para a minha formação. Na faculdade, a gente aprende muita teoria. Somente agora estou tendo como experimentar, como planejar e verificar se o planejamento funciona mesmo na prática, se ele precisa ser adaptado, alterado”, explica Tatiane Gomes, aluna do 7º período e bolsista de extensão.

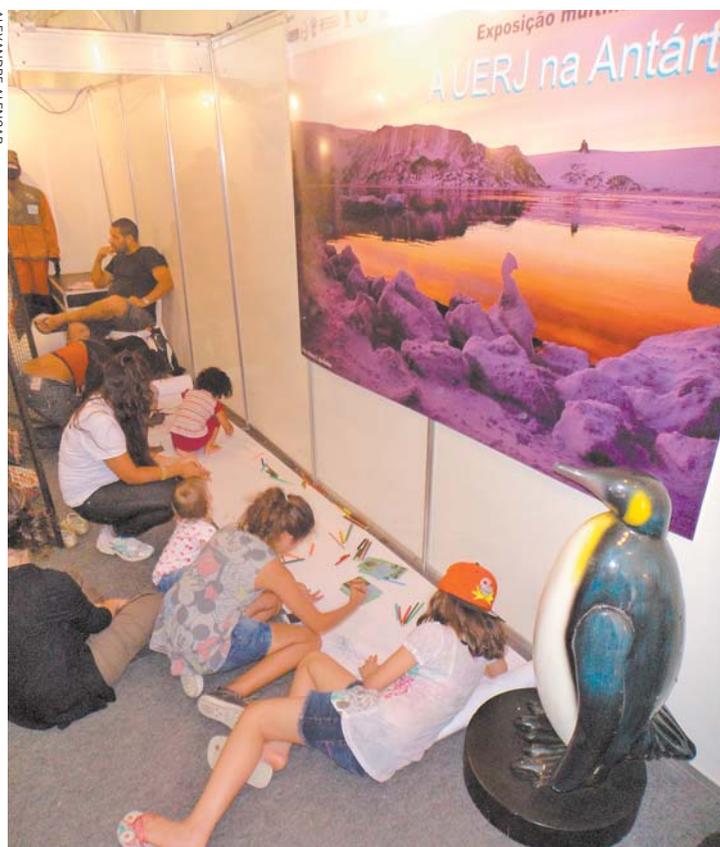
Para Luiz Bressan, diretor do Instituto Embratel, “a consolidação da parceria com o Ecomuseu é, antes de tudo, a materialização de uma importante prática socioambiental, capaz de aproximar a Universidade, a comunidade local e a Embratel. Os resultados do projeto de inclusão digital na comunidade de Vila Dois Rios são fortes indicadores de conquista na democratização do acesso ao conhecimento.” Ele acrescenta que o acompanhamento do uso da conexão de internet disponibilizada pelo Instituto às comunidades permite notar que o Ecomuseu é o local onde o recurso é mais utilizado.

Divulgação científica por pesquisadores pretende disseminar o conhecimento sobre a Antártica

Divulgar de maneira simples as pesquisas que estão sendo realizadas na Antártica por equipes da Universidade é o objetivo do projeto “UERJ na Antártica”, aprovado no edital FAPERJ de Divulgação e Popularização da Ciência e Tecnologia no final de 2012. A ação principal é uma exposição multimídia que esteve durante um mês no *campus* Maracanã e recebeu convite para representar a Instituição na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia deste ano. Para o coordenador do projeto, professor Alexandre Alencar, pessoas de diferentes níveis de instrução não sabiam que a UERJ fazia pesquisas no continente Antártico: “Nós, do Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais, trabalhamos na Antártica há quase 30 anos. Como podemos estar fazendo pesquisa e pouca gente saber disso? Chegamos à conclusão que esse é um problema nosso, que não estamos sabendo falar”. A partir daí ele decidiu elaborar um projeto para mostrar a UERJ na Antártica.

No período em que esteve aberta para visitação (entre 11 de outubro e 14 de novembro na Galeria Gustavo Schnoor e no Salão 1 do *campus* Maracanã), a exposição recebeu cerca de 500 pessoas. O professor Alencar explica que o caráter multimídia da mostra agrega quatro ações: exibição de fotos (arquivos do Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais e de outros laboratórios que pesquisam na Antártica); uma maquete do Criosfera 1 (módulo científico autônomo de pesquisa instalado no continente Antártico); projeção de vídeos (um deles mostra a instalação do Criosfera 1, realizada em conjunto por equipes de pesquisadores da UERJ, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e da Universidade Federal do Rio

ALEXANDRE ALENCAR



Grande do Sul) e apresentação de equipamentos polares, que reúnem roupas especiais, máscaras, réplicas de gelo e equipamentos de pesquisa: “Com a boa aceitação da exposição e o interesse pelo tema, o Departamento de Inovação da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa nos convidou para participarmos da Semana de Ciência e Tecnologia como forma de levar a ciência para fora da comunidade científica, para além dos muros da academia”. O tema central da Semana, que em 2013 aconteceu entre 21 e 27 de outubro, foi “Ciência, Saúde e Esporte”. O projeto “UERJ na Antártica” integrou o polo instalado no Parque Madureira entre 25 e 27 de outubro.

A maquete do Criosfera 1 foi o único elemento da exposição a não ser montado no Parque, devido à logística delicada que envolve o seu transporte. Lá, o Laboratório montou no estande uma área chamada *kids*, onde as crianças interagem, desenhavam objetos que remetiam à Antártica, conversavam e tiravam dúvidas com os mediadores,

uma equipe de voluntários formada por 11 alunos da graduação e de pós-graduação em Biologia. O projeto incentiva o processo de divulgação científica desde a graduação: “A universidade gera conhecimento e, em algum momento, esquecemos que devemos levar esse conhecimento para a comunidade. É a população quem paga, com impostos, os nossos salários. Somos uma instituição pública e temos que dar esse retorno à sociedade. Pensar em soluções para que isso se dê de maneira agradável também é uma das funções do pesquisador”, diz Alexandre Alencar.

Também foi distribuído material para atrair a atenção das crianças – entre os quais uma cartilha com os principais pesquisadores da Antártica e um jogo de memória em que, a cada dupla de cartas, uma trazia a pergunta e outra a resposta sobre assuntos relativos à Antártica. Os mediadores falaram de biologia, física e atmosfera utilizando um recurso educativo para que as crianças aprendessem brincando. Cerca de 300 pessoas visitaram a



Projeto “UERJ na Antártica” em exposição instalada no Parque Madureira durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia



exposição nos três dias em que ficou montada no Parque Madureira. O mais importante para o professor e coordenador do projeto foi levar o conhecimento para um público que talvez não tenha acesso fácil a esse tipo de informação: “Dentro da academia a visitação espontânea (não agendada) geralmente é de professores, técnico-administrativos e alunos com um certo grau de conhecimento por estarem dentro da Universidade. Levamos a ciência para um parque destinado ao lazer – de modo que possa ser tocada, abraçada, desenhada – é muito importante”.

Para o coordenador, o trabalho de mediação dos alunos foi essencial para o bom retorno nas mostras montadas na UERJ e em Madureira: é um trabalho de cientistas tentando divulgar as suas atividades e procurando aprender mais sobre o processo de mediação. Na busca desse conhecimento, o professor Alexandre e dois alunos da equipe se inscreveram e foram selecionados para o curso “Mediação em Centros de Ciência e Museus de

Ciência e Tecnologia”, oferecido pelo IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. A mediação considera vários aspectos, vai além do conhecimento pessoal do assunto: atenta para o trato com as pessoas e para vocabulários diferentes, apropriados para níveis distintos de conhecimento. Uma oficina antes da exposição preparou a equipe de mediadores. Assim, os alunos de graduação estão tendo uma formação diferenciada do processo de fazer ciência e saber transmitir o conhecimento e também internalizando esse procedimento.

A exposição “UERJ na Antártica” esteve no CAP entre 2 e 7 de dezembro e em 2014 vai viajar pelos *campi* regionais. O material que compõe a exposição é fruto da colaboração das entidades parceiras: uma parte pertence ao Programa Antártico Brasileiro e também recebe apoio da Associação de Pesquisadores e Educadores em Início de Carreira sobre o Mar e os Polos, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, e de outros laboratórios.

Exposição do IBRAG sobre genética começa a viajar pelo Brasil

Depois de estar aberta para visitação nos meses de abril e maio no Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID) da Rede Sirius, a exposição “De Mendel a Venter: a evolução da ciência e o DNA” está desde agosto de 2013 e até fevereiro de 2014 no Espaço das Indústrias Nucleares do Brasil (INB), em Caetité, interior da Bahia. Organizado pelo Departamento de Ensino de Ciências e Biologia do IBRAG e coordenado pela professora Andréa Góes, o projeto recebeu verba do edital FAPERJ de Apoio à Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia. Todo o material exposto foi produzido por pesquisadores e alunos do Departamento de Ensino de Ciências e Biologia da Universidade.

No período em que esteve montada na UERJ, a exposição recebeu visitas de escolas, principalmente públicas, de diferentes cidades do estado. A professora Andréa conta que no período da mostra na Universidade, a INB fez o convite para que a exposição fosse montada no seu espaço cultural de ciência e tecnologia: “Não imaginávamos que iríamos para uma segunda edição no nordeste. Lá tivemos o apoio da Universidade do Estado da Bahia, com estudantes de Ciências Biológicas trabalhando como monitores. Nosso objetivo agora é que a exposição siga para outros lugares, queremos torná-la itinerante e estamos buscando apoio para isso”. Ela explica que a exposição tem várias atividades interativas, por isso os monitores são importantes: “Procuramos trazer o máximo de elementos da realidade em materiais didáticos”. Durante o período da exposição no *campus* da UERJ, os alunos de Ciências Biológicas participaram como monitores voluntários.

De Mendel a Venter

A mostra se divide em oito setores: o início em 1865 com o enigma de Mendel, demonstrando como o cientista se tornou o pai da genética. O pesquisador estudou nas ervilhas os caracteres que seriam transmitidos entre as gerações. Sem grandes equipamentos, instrumentos avançados ou apoio de um benfeitor, Mendel fez uso do raciocínio lógico nos seus estudos e se transformou em ícone da genética. Suas pesquisas reforçaram



Outdoor da exposição em Caetité na Bahia



Setor “O Enigma de Mendel”



Setor “A História Evolutiva dos Organismos”

os fundamentos da teoria da evolução do naturalista inglês Charles Darwin na segunda metade do século XIX. Para a exposição do IBRAG foi elaborado um jogo de tabuleiro feito com ervilhas, como na pesquisa do cientista. No jogo, os alunos são desafiados a fazer os cruzamentos de ervilha, como Mendel fazia, para tentar chegar às mesmas conclusões. “Estimular o aprendizado e o interesse pela genética de uma forma lúdica é bem mais fácil”, diz a professora Andréa.

No segundo setor o visitante chega a 1953, data em que James Watson e Francis Crick descobrem a estrutura espacial do DNA em dupla hélice, baseados em pesquisas da biofísica britânica Rosalind Franklin (1920-1958). Em seguida, no setor dedicado aos anos



Setor “Corrida Espacial: Desvendando a Estrutura do DNA”

1980, a exposição destaca os estudos genéticos que deram origem ao teste de paternidade. Em 1985 observou-se pela primeira vez que determinadas regiões de DNA poderiam ser utilizadas para vincular geneticamente os indivíduos. Para ilustrar esse processo foi desenvolvido material didático que reproduz um teste de paternidade, com a extração de DNA em frutas: “Conseguimos mostrar de forma fácil o DNA sendo extraído. Depois utilizamos um protótipo do PCR (amplificação do DNA) e eletroforese para separar as bandas de DNA que são formadas. É desse modo que podemos verificar a vinculação”, esclarece a professora.

Para tratar da história evolutiva dos organismos o quarto setor da exposição mostra técnicas de biologia celular

que auxiliam as pesquisas sobre evolução. Os visitantes podem observar os estudos de anatomia comparada em fósseis de peixes cedidos pelo Departamento de Paleontologia, da Geologia da UERJ. Um trecho importante da exposição, para a professora Andréa, está no setor seguinte, que traz o livro clássico *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, publicado em 1932: “A obra previa, naquela época, as terapias e manipulações genéticas que estamos começando a realizar hoje. Além do gosto pela genética, estamos estimulando o gosto pela leitura. O aluno certamente sairá da exposição com vontade de ler o livro”. A equipe do projeto do Instituto de Artes Cerâmica Viva, coordenado pela professora Isabela Frade, produziu uma instalação com bebês de cerâmica representando as diferentes castas da sociedade descritas no livro.

Partindo para a década de 1990, a sexta parte da exposição mostra detalhes do sequenciamento do genoma humano. O estudo apresentado à sociedade em 2003 provocou algumas surpresas: “Pensava-se que descobriríamos todos os mistérios da natureza trabalhando com o DNA e não foi bem assim”, explica a professora. Segundo Andréa, acreditava-se que o ser humano tinha cerca de 100 mil genes, mas o Projeto Genoma Humano mostrou que não temos mais que 25 mil. Para melhor compreensão desse estudo a mostra inclui um protótipo da máquina para sequenciar o DNA e a simulação de uma separação de fragmentos de DNA. Com as descobertas do Projeto Genoma Humano, o papel das proteínas na genética foi redimensionado: “os conhecimentos vão se acumulando e as informações vão se modificando. Na ciência vamos criando novos modelos a partir dos antigos ou apagando modelos antigos e formatando novos”, diz Andréa Góes. O sétimo setor da mostra ilustra a metodologia de trabalho da Proteômica (estudo das proteínas). O visitante acompanha a evolução da ciência até chegar ao último setor, sobre as descobertas do biólogo americano Craig Venter e sua equipe, que em 2010 criaram a primeira forma sintética de vida – uma célula bacteriana controlada por um genoma sintetizado em laboratório.